

SCHROEDER, Jorge Luiz; MIRANDA, Maria Fernanda. **Entrelaçamentos**. Campinas: Unicamp, Debate Aberto de Grupo de Pesquisa Música, Linguagem e Cultura (MUSILINC). Coordenação: Jorge Luiz Schroeder e Silvia Cordeiro Nassif: III Seminário de Pesquisas do PPG Artes da Cena, Campinas, Unicamp, 2015.

## RESUMO

Esta comunicação pretende apresentar, de forma bem resumida, as diretrizes principais de atuação na área da pesquisa do Grupo de Pesquisas sobre Música, Linguagem e Cultura – Musilinc. Formado por duas professoras e um professor, todos musicistas, e seus respectivos orientados, o Grupo mantém seu eixo de coesão na fundamentação epistemológica. Esta, apoiada na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, na sociologia das trocas simbólicas de Bourdieu, a psicologia histórico-cultural e nos estudos culturais, investiga como se dá a apropriação e a atribuição de sentidos às manifestações musicais. Interessa-nos o “extra-musical” que compõe os sentidos musicais e os sentidos atribuídos às músicas fora do campo musical, tais como acontece na dança e na educação.

Palavras-chave: música, Bakhtin, Bourdieu, estudos culturais, psicologia histórico-cultural.

## ABSTRACT

This presentation summarizes the main guidelines of action in the studies of the Research Group on Music, Language and Culture - Musilinc. Made up of three professors, all musicians, and their respective students under advising, the group keeps its cohesion through its epistemological foundation. Based on the philosophy of language of the Bakhtin Circle, on the sociology of symbolic exchanges of Bourdieu, on the historical-cultural psychology and on cultural studies, this group investigates how meanings are appropriated and assigned to musical manifestations. We are interested in the "extra-musical" properties that make up musical senses and the meanings assigned to songs beyond the musical level, as in happens in dance and education.

Keywords: music, Bakhtin, Bourdieu, cultural studies, cultural-historical psychology

O Grupo de Pesquisas sobre Música, Linguagem e Cultura (Musilinc), formado por três musicistas<sup>1</sup> e seus respectivos orientandos e alunos pesquisadores, existe oficialmente desde 2009, quando foi credenciado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, mas atuamos juntos desde os anos 2000. Mais precisamente em 2002 começamos a nos reunir quinzenalmente para discutirmos questões sobre música e educação, já que estávamos os três fazendo o doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp na mesma época. Contávamos, naquele momento, com a participação e com o estímulo das professoras Dr.<sup>a</sup> Ana Luiza Smolka e Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Horta.

A partir daí as nossas reuniões nunca mais deixaram de ocorrer, ampliando a

discussão para outras áreas nas quais a música se faz presente (como é o caso da dança). Contudo, o ponto nevrálgico que permanece como centro da nossa união é a nossa filiação epistemológica. Mantemos como fundamentação teórica, desde os primeiros encontros, as reflexões sobre sistemas simbólicos do Círculo de Bakhtin, sobre a concepção de sociedade proposta por Pierre Bourdieu e de cultura proposta pelos Estudos Culturais, e sobre a concepção de ser humano oferecida por Lev Vigotski. Por isso transitamos com certa liberdade entre as músicas (tomadas como sistemas simbólicos e culturais), as linguagens (também tomadas como sistemas simbólicos e culturais) e as culturas (tomadas como áreas que colocam em interlocução os diversos sistemas simbólicos integrantes de uma só sociedade – ou mesmo entre sociedades distintas –, sem que os cristalice nem isole): são os nossos pressupostos que se enovelam e permitem esse trânsito. Assim, os assuntos de nossas pesquisas variam, mas os modos teóricos de abordá-los, não (muito embora se ampliem e aprofundem com a contribuição de, e a interlocução com, outros autores).

Até agora, entretanto, um elo secundário, embora firme, vem encadeando nossas pesquisas: o interesse especial pelas inúmeras formas de apropriação e de atribuição de sentidos às músicas, confluentes, complementares, concorrentes, conflitantes, contrastantes, que se sobrepõem, se atraem ou se repelem, enfim, que dialogam ora com facilidade ora com dificuldade. E essa área se esgarça ainda mais quando levamos em conta os vários outros gêneros de discurso artísticos, sociais, culturais, que transpassam essa já complexa trama de sentidos musicais, refletindo-os, refratando-os, repelindo-os, resgatando-os. Sobre essa complexa rede de trocas simbólicas, em meio a qual a música dá sempre o ar de sua graça, é que resolvemos nos debruçar com os recursos epistemológicos que sustentamos apropriados dos autores e das teorias com os quais nos embrenhamos. É este, de forma muito resumida, o nosso desejo: continuar transitando, com nossas agulhas de costura, alfinetes e tesouras, por meio dessas delicadas costuras e bordados simbólicos que vão se consubstanciando nessas peças de roupas, toalhas, lençóis, cobertores e cachecóis culturais que vão nos agasalhando e nos constituindo como parte de uma coletividade maior, que partilha sentidos e valores.

Depois desta prévia, passamos a um exemplo de pesquisa que se realiza

neste exato momento sob o olhar carinhoso do grupo.

Nos campos cerrados, sertões de um Brasil de dentro, existe um universo criado e mantido por mãos femininas. Mundo de várias. Mundo das linhas. Mãe, avó, filha, irmã, “cumadre”, neta, madrinha, bisavó... suas paisagens, suas tramas, rodas e solitudes, cantigas e linhas. *Mulheres de linhas*. Tecedura que nos atravessa como uma *polifonia*. Equipotência. Harmonia melódica das linhas. Linhas melódicas harmônicas. Uma trama tão viva quanto a própria vitalidade dessas rodas femininas de fiação, tecelagem e bordado, nas habilidades de mãos que criam mundos ao som das cantorias dessas mulheres.

*Nos Cerrados de Fios e Cantos*, é uma pesquisa sobre a relação entre música e dança sob a perspectiva bakhtiniana, em um processo de pesquisa e criação em *Dança Brasileira Contemporânea* (Silva, 2012) que tem no universo das fiandeiras, tecelãs e bordadeiras do Vale do Rio Urucuia (MG) o campo de vivências efetivas e afetivas. Assim essa pesquisa envolve dois eixos: o prático e o teórico. No eixo teórico, trabalhamos com os conceitos bakhtinianos de *dialogismo* e *discurso polifônico* para descrever o entrelaçamento que percebemos pelas Mulheres de Linhas e o entrelaçamento entre linguagens que percebemos surgir em nós após vivência em campo.

Para Bakhtin (2000, 2002) todo enunciado - considerado pelo autor como a *unidade real de comunicação verbal* - é “dialógico”, isto é, está implícita ou explicitamente relacionado a outros:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 2000, p. 291)

Por outro lado, o termo *dialogismo* se refere a um “modo de funcionamento da linguagem”, pois todo enunciado constitui-se a partir de outro(s) enunciado(s) e, por isso, carrega em sua constituição pelo menos duas vozes, a do próprio falante e a do “outro”.

O enunciado é pleno de *totalidades dialógicas* [grifo do autor] e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros (...). (BAKHTIN, 2003, p. 298)

No entanto, embora o termo “dialogismo” remeta a “diálogo” e este, por sua vez, remeta ao diálogo entre pessoas presentes, para Bakhtin (2000) o conceito de dialogismo não está atrelado somente à ideia de uma interação face a face entre interlocutores (que é apenas um exemplo mais comum da relação dialógica) mas também entre enunciados. Por isso as relações dialógicas podem ocorrer em tempos e espaços diferentes e distantes (um texto atual pode dialogar com textos antigos, uma obra feita num país pode suscitar respostas – novos enunciados – em regiões distantes etc.).

Além do conceito de dialogismo e relacionado a este, Bakhtin também desenvolve o conceito de *polifonia*. O termo polifonia aparece inicialmente no universo musical com referência às várias vozes independentes de uma composição. Isto significa, falando rapidamente, que várias melodias se entrelaçam sem que haja efetivamente uma hierarquia (como no caso da canção, por exemplo, em que a melodia do canto se sobrepõe aos instrumentos acompanhantes) ou mesmo uma submissão de qualquer uma das melodias às outras. Na polifonia musical os diversos eventos sonoros se apresentam numa relação de igualdade, numa dinâmica complexa de trocas entre o protagonismo e a “coadjuvância”. Em Bakhtin (2000, 2002), a polifonia é entendida como uma estratégia discursiva acionada para a construção de um enunciado.

As mulheres de linhas (fiandeiras, tecelãs e bordadeiras) realizam suas criações de duas maneiras: nas chamadas *rodas*, onde várias mulheres de idades variadas se juntam para criarem a mesma peça de artesanato, ou peças distintas; e em *solitude*, como algumas o definem, onde trabalham por vezes em suas próprias casas, criando seu artesanato. Apesar da *roda* ser o momento que sentimos nosso corpo pulsar por ser configurado em torno de muita música, dança e poesia, é no trabalho em *solitude* que vimos o corpo de linhas dessas mulheres se formar. Isso porque, como nos explicou uma dessas mulheres de linhas bastante idosa, na *solitude* elas estão apenas aparentemente sozinhas:

“Quando estou com minhas linhas na solitude, estou ligada com todas as mulheres que tenho ou tive amizade e com todos os lugares por onde passei. Com tudo que vivi. Tudo está aqui nas minhas linhas.” (Dona Fátima, 25/11/2014)

Ao entrelaçar suas linhas ela deixa que se entrelacem nela as mulheres de linhas que vieram antes dela, as que ainda convivem com ela, as paisagens que a circundam, as histórias e saberes entrelaçados nas *rodas*, as tristezas e alegrias. Isto é, entrelaçam-se, na *solitude*, as relações e experiências afetivas, criando assim suas peças de artesanato que são também expressão desses diálogos. Uma singularidade anônima na coletividade de um corpo de linhas. Uma ressonância dialógica nas palavras de Bakhtin (2003) sobre enunciados anteriores na construção de seu próprio enunciado:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 295)

O outro entrelaçamento feito pelas mulheres de linhas é a musicalidade. Experienciar principalmente as rodas de fiação e tecelagem é sentir o corpo musical no movimento delicado das mãos dessas mulheres que transformam algodão em linhas e linhas em peças inteiras de artesanato. Não existe roda sem que a música, a dança e a improvisação na forma de poesia rítmica não esteja presente. Existem até cantos que por terem sido repetidos ao longo de tantos anos são agora considerados tradicionais desse ofício manual. Há até aquelas que defendem que cada tipo de fio a ser fiado tem seu tipo de cantiga, já que cada tipo de fio pede um tipo de cadência na roda da fiandeira.

“Ocê sabe cantá? Fiandeira que é fiandeira tem que sabê cantá! Tem que ter ritmo! Se ocê qué aprendê os conhecimento da fiação a primeira coisa é aprendê a cantá! [levanta de sua cadeira para pegar mais biscoito de queijo e volta dizendo] Não tem como fiar e mexê com as linha sem sabê cantá!” (Dona Joice, 20/01/2015)

E assim está lançado o desafio para nós que buscamos esse mergulho na cultura popular para criar um trabalho cênico que dizemos surgir dentro do fazer

artístico da dança mas que, como nos informa Dona Joice, nos demanda um entrelace desses modos de expressão, gesto, canto, entre outros, para criar uma cena, assim como se tece uma fina e delicada colcha de tecido fiado, repassado e bordado à mão. Uma tecedura tão viva quanto a própria vitalidade dessas *rodas* e *solitudes* femininas de fiação, tecelagem e bordados cerratense.

Nesse momento nossas mãos estão quentes, inquietas e ávidas para criarem algo “feito à mão” com todo corpo. Deixar entrelaçar as experiências vividas junto a essas mulheres de linhas. E por meio dos afetos vividos, como uma compreensão responsiva ativa, nas palavras de Bakhtin, diante do experienciado, uma dança e uma vontade de cantar e tocar. Um entrelaçamento que traga no corpo a equipotência das linhas: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.” (BAKHTIN, 2003, p.163)

Uma dança que, com sua multiplicidade, ressonância dialógica das linhas, lance um modo de “compreender” pelo movimento essas *rodas* e *solitudes* das mulheres de linhas. E, na escrita, lançar movimento e musicalidade como a própria vitalidade das fiandeiras, tecelãs e bordadeiras do Vale do Rio Urucuia (MG) e Hidrolândia (GO). Dançar uma trama na *solitude*. Mas se sou uma, sou várias. E isso é muitas mulheres. Maria, Joice, Conceição, Eva, Marli, Edwigens, Fatima, Aninha, Bia, Gercina, Nazaré, Zita. Suas *rodas*, suas tramas suas linhas. Mulheres de linhas. Uma vida feita à mão.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. **O trenzinho do caipira: uma proposta dialógica de apreciação musical**. Anais do XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo: 2014

(disponível em <http://www.anppom.com.br/anais/category/135-subarea-educacao-musical>)

NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. **“Conversas sobre música”:** **uma experiência na web rádio Unicamp.** Anais do VIII Encontro Regional Sudeste da Abem. São Paulo: 2012, p.961-969.

SILVA, Renata de Lima. **Corpo limiar e encruzilhada: processo de criação na dança.** Goiânia: Editora UFG, 2012.

---

<sup>i</sup> Silvia Cordeiro Nassif, professora do curso de Licenciatura em Música da Unicamp; Maria Flávia Barbosa, professora do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Uberlândia; Jorge Luiz Schroeder, pesquisador e professor dos programas de pós-graduação em Música e em Artes da Cena da Unicamp.